

José Régio a par de Pessoa*

Adelto Gonçalves**

Universidade Santa Cecília

Para comemorar o centenário do nascimento de José Régio, pseudônimo de José Maria dos Reis Pereira (1901-1969), a 17 de setembro, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa, colocou no mercado quatro volumes da *Obra Completa* daquele que é considerado, ao lado de Fernando Pessoa, um dos maiores poetas portugueses do século 20. Dos volumes, dois são de poesia, um refere-se a um *diário* de meio século de vida literária do autor, que já havia saído à luz postumamente em 1994, e outro reúne contos e novelas. A sair, ainda em data incerta, entre outros trabalhos de uma produção imensa, estão as

principais obras do autor como romancista: *Jogo da Cebra-Cega* (1934) e o ciclo de *A Velha Casa* que inclui *Uma Gota de Sangue* (1945), *As Raízes do Futuro* (1947), *Os Avisos do Destino* (1953), *As Monstruosidades Vulgares* (1961) e *Vidas são Vidas* (1966).

Embora também tenha produzido muitas páginas de crítica e obras para o teatro, desenvolvendo múltipla atividade intelectual, José Régio destacou-se, em primeiro lugar, como poeta e, depois, como romancista. Sua trajetória, porém, foi assinalada por uma personalidade independente que, ao longo de uma vida marcada por muitas polêmicas, levou-o sempre a envolver-se poli-

* *Obra Completa de José Régio* (volumes publicados), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa: *Páginas do Diário Íntimo*, introdução de Eugênio Lisboa e notas de José Alberto Reis Pereira, 374 págs., 4.571\$00 escudos; *Contos e Novelas*, introdução de Eugênio Lisboa, 412 págs., 4.571\$00 escudos; *Poesia*, vol. I, introdução de José Augusto Seabra, 440 págs., 4.286\$00 escudos; e *Poesia*, vol. II, 472 págs., 4.286\$00 escudos.

** Adelto Gonçalves, jornalista, professor titular da Universidade Santa Cecília, é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Barcelona Brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999) e *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999).

ticamente em situações cruciais do Portugal de seu tempo, apesar do regime autocrático que então vigorava.

Nascido em Vila do Conde, então uma cidadezinha rural do Norte de Portugal, Régio apareceu para as letras portuguesas ao tempo em que estudava em Coimbra, onde em 1925 concluiu na Faculdade de Letras o curso de Filologia Românica, defendendo a tese “As correntes e as individualidades na moderna poesia portuguesa”. Foi nesse ano que começou a sua carreira literária com a publicação de *Poemas de Deus e do Diabo*.

Ainda em Coimbra, em 1927, fundou com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca a revista *Presença*, que, em seus primeiros anos, contou com a colaboração do médico Adolfo Rocha, que, mais tarde, passaria para as letras lusas com o pseudônimo de Miguel Torga. Com Adolfo Casais Monteiro em sua redação a partir de 1931, *Presença* lideraria o movimento que ficaria conhecido como o Segundo Modernismo português.

A alma de *Presença*, no entanto, sempre foi José Régio, autor do artigo-manifesto que, no primeiro número, sintetizou o programa de ação da revista: uma condenação à falta de originalidade de seus contemporâneos. No terceiro número, em outro artigo, Régio, pratica-

mente, rotulou os *presencistas* como continuadores daqueles que definiu como os mestres de sua geração – Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros.

Para sobreviver, José Régio tornou-se professor, iniciando a carreira no Liceu Alexandre Herculano, no Porto, até ser nomeado, em 1930, professor efetivo do Liceu Mouzinho da Silveira, em Portalegre, no Alentejo, cidade onde alternou residência com a sua terra natal, preferindo a vida na província, longe das questúnculas dos grupos literários de Lisboa e Porto, embora não deixasse, de tempos em tempos, de frequentar as duas cidades para conversar com amigos e companheiros de atividade literária.

Em 1966, fixou-se definitivamente em Vila do Conde, onde viria a morrer em 1969, naquela que era originariamente a casa de sua tia e madrinha Libânia e, agora, transformada na Casa-Museu José Régio, que abriga, além dos livros e originais do autor, uma extensa coleção de objetos de arte que colecionou durante uma vida que esteve longe de ser abastada.

Saudado como um poeta “estranho”, “esquisito” ou “originalíssimo”, como se pode constatar no texto “A 1ª edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*, de José Régio, e a recepção da crítica”, que Albano

Martins publicou na revista *Colóquio/Letras*, de Lisboa, de janeiro-abril de 1990, José Régio nunca deixou de suscitar reações desencontradas. Às vezes, até injustas. Como foi a de Álvaro Cunhal, que, ao analisar a publicação de *As encruzilhadas de Deus* (1936), considerou que a sua poesia não deveria ser apenas “combatida” como “preterida” por opor-se às obras literárias “que indicam às multidões um caminho e um fim político e social”.

Cunhal, dirigente “histórico” do Partido Comunista Português, à época, como Jorge Amado no Brasil, obedecia de maneira subserviente ao realismo socialista imposto pelos arautos soviéticos que, em Portugal, levava o nome de neo-realismo. E, se tivesse chegado ao poder, não é difícil imaginar que fim reservaria para aqueles que não seguissem a sua cartilha. Até porque o itinerário poético de Régio, como o próprio autor reconheceu em *Confissão dum homem religioso*, foi sempre uma espécie de recusa a qualquer sectarismo.

Intrinsecamente individualista, resultado da transcendência do “eu” para corresponder, na posição religiosa, a um supremo grau de Deus, a poesia de José Régio sempre refletiu “uma alma cristã heterodoxa, contraditória e torturada de um poeta em estado místico”, na

definição de José Augusto Seabra, autor da bela introdução que abre os dois volumes de poemas ora publicados. A leitura desses dois volumes não só representa a oportunidade única de se comprovar a definição de Seabra como de acompanhar a evolução do poeta. Desde os seus primeiros versos, Régio sempre exercitou um certo hibridismo, pois, às vezes, aproximava-se dos modelos métricos tradicionais para, em seguida, fazer o mais desenfreado apanágio do verso-livre, como se vê desde *Poemas de Deus e do Diabo* até *Cântico Suspense* (1968), derradeiro livro de poemas publicado em vida que, igualmente, seria alvo de ataques de críticos apegados ao dogmatismo doutrinário da época.

Fiel à poesia até o fim da vida, Régio foi também um prosador de primeira categoria, ainda que não se possa classificá-lo como um contista autêntico, talvez porque o seu imaginário exigisse horizontes mais amplos. *Contos e Novelas* reúne *Histórias de mulheres* (1946), *Davam grandes passeios aos domingos* (1941) e *Há mais mundos* (1962), textos, na maioria, ambientados na província, que refletem o dia-a-dia vivido pelo autor em Portalegre ou Vila do Conde. De todos, o melhor é a novela *O vestido cor de fogo*, incluída em *Histórias de mulheres*, cuja personagem faz

lembrar a Capitu, de Machado de Assis. Como ficcionista nunca Régio, porém, chegou a alcançar a unanimidade dos críticos. E isso o “envenenava”, como reconheceu numa entrada de seu *Diário*, com data de 12 de novembro de 1957.

Páginas do Diário Íntimo, aliás, reflete um José Régio que seus amigos não conheceram: um tom sombrio e desesperado perpassa muitos textos, deixando antever um homem solitário, hipocondríaco e de difícil convivência, que se remoia com o que dele diziam. E que fazia do diário uma coleção de “desabafos”. Como diz o poeta Eugênio Lisboa, autor do prefácio e seu companheiro de noitadas em tavernas, apesar da diferença de

idade que os separava, o outro Régio que sabia bem viver e gostava da companhia dos amigos não está presente neste diário.

De qualquer modo, escrito com o objetivo de que fosse publicado apenas de maneira póstuma, o diário de Régio, segundo Eugênio Lisboa, está

“muito acima de certos diários pacóvios, que mais não são do que o pretexto vão de registrar triunfos ociosos que o futuro vai (im)piedosamente esquecer”.

Uma referência explícita aos *diários* de José Saramago, para quem sabe da animosidade que cerca o relacionamento entre ambos.